FACULDADE FOCUS

INFOCUS
Revista Interdisciplinar de Ciências Gerais

# A Condição Humana por Edgar Morin

## The Human Condition by Edgar Morin

## La Condición Humana, de Edgar Morin

Recebido: 27/07/2026
Aceite: 29/09/2026

**Paula Stroh**
Socióloga, Pós-doutora (UNICAMP, 2013)
Professora aposentada da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.
Rua Capote Valente 150 apt 12 , São Paulo-SP 05409000
paula.stroh@gmail.com

**RESUMO**
O texto revisita o pensamento de Edgar Morin, com ênfase na concepção de identidade humana desenvolvida em *O método 5: A humanidade da humanidade*. *A identidade humana.* Com base no paradigma da complexidade, examina a condição humana como realidade multidimensional, constituída simultaneamente pelas dimensões biológica, psicológica, social, cultural, histórica e espiritual. O humano é compreendido na relação indissociável entre espécie, sociedade e indivíduo, em permanente interação, complementaridade, concorrência e contradição. Nessa perspectiva, a cultura desempenha papel fundamental na organização da vida social, articulando conhecimentos, valores, crenças, normas, mitos e práticas e possibilitando compreender a unidade na diversidade humana. O texto destaca ainda a necessidade, sublinhada por Morin, de religar conhecimentos fragmentados pelas especializações científicas e de reconhecer a incerteza, a ambiguidade e a incompletude como constitutivas do conhecimento. Diante dos paradoxos da contemporaneidade, marcados pelo extraordinário desenvolvimento tecnocientífico e por regressões éticas, afetivas e ambientais, o pensamento complexo oferece uma racionalidade capaz de articular contradições e compreender os processos de reorganização da vida. Finalmente, a dimensão autobiográfica de Morin evidencia a inseparabilidade entre pensamento e existência: conhecer o mundo implica também conhecer a si próprio. Sua obra permanece, assim, como convite à compreensão da complexidade da aventura humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Condição Humana. Edgar Morin. Complexidade. Cultura. O Método 5: a Humanidade da Humanidade.

**ABSTRACT**
This text revisits the thought of Edgar Morin, emphasizing the concept of human identity developed in *Method 5: the Humanity of Humanity. The Human Identity.* Drawing **o**n the paradigm of complexity, it examines the human condition as a multidimensional reality constituted simultaneously by biological, psychological, social, cultural, historical, and spiritual dimensions. The human being is understood through the inseparable relationship between species, society, and individual—elements in a state of constant interaction,

complementarity, competition, and contradiction. From this perspective, culture plays a fundamental role in organizing social life by articulating knowledge, values, beliefs, norms, myths, and practices, thereby enabling an understanding of unity within human diversity. The text also highlights Morin's emphasis on the need to reconnect knowledge fragmented by scientific specialization and to recognize uncertainty, ambiguity, and incompleteness as intrinsic to knowledge itself. Faced with the paradoxes of contemporary life—marked by extraordinary techno-scientific advancement alongside ethical, emotional, and environmental regressions—complex thought offers a form of rationality capable of articulating contradictions and understanding the processes of life's reorganization. Finally, Morin's autobiographical dimension underscores the inseparability of thought and existence: knowing the world implies knowing oneself. His work thus remains an invitation to understand the complexity of the human adventure.

**Keywords:** Human Condition. Edgar Morin. Complexity. Culture. The Method 5: The Humanity of Humanity.

**RESUMEN**
Este texto retoma el pensamiento de Edgar Morin, haciendo hincapié en la concepción de la identidad humana desarrollada en *El Método 5: La Humanidad de la Humanidad*. Partiendo del paradigma de la complejidad, examina la condición humana como una realidad multidimensional, constituida simultáneamente por dimensiones biológicas, psicológicas, sociales, culturales, históricas y espirituales. El ser humano se entiende en la relación inseparable entre especie, sociedad e individuo, en interacción permanente, complementariedad, competencia y contradicción. Desde esta perspectiva, la cultura desempeña un papel fundamental en la organización de la vida social, articulando conocimientos, valores, creencias, normas, mitos y prácticas, y posibilitando la comprensión de la unidad en la diversidad humana. El texto también subraya la necesidad, ya destacada por Morin, de reconectar el conocimiento fragmentado por las especializaciones científicas y de reconocer la incertidumbre, la ambigüedad y la incompletitud como elementos constitutivos del conocimiento. Ante las paradojas de la contemporaneidad, marcada por un extraordinario desarrollo tecnocientífico y regresiones éticas, afectivas y ambientales, el pensamiento complejo ofrece una racionalidad capaz de articular contradicciones y comprender los procesos de reorganización de la vida. Finalmente, la dimensión autobiográfica de Morin subraya la inseparabilidad entre pensamiento y existencia: conocer el mundo implica también conocerse a uno mismo. Su obra, por tanto, sigue siendo una invitación a comprender la complejidad de la aventura humana.

**Palabras clave:** La condición humana. Edgar Morin. Complejidad. Cultura. El método 5: la humanidad de la humanidad.

> *(...) Sem minha cultura das ruas, eu não teria podido desenvolver a minha cultura. Sem as minhas experiências de vida, eu não teria podido nutrir a minha cultura. Esta está marcada pelo concreto, pelo viver, pelo singular. E consequentemente, sempre pela minha vida. Meu trabalho, minha cultura sempre se nutriram mutualmente (MORIN, 2013, p. 43).*

O desalento com partida definitiva de Edgar Morin (1921–2026) motiva este escrito. Pensador que moldou minha visão de mundo em diferentes dimensões da vida,

Morin formou e continua a formar a mente de uma legião de pessoas inquietas e irrequietas ao redor do mundo.

De algum ponto luminoso do universo, o seu espírito assistiu as mais altas honras que a França lhe devotou nas exéquias realizadas no *Dôme de l'hôtel des Invalides*, espaço simbólico da memória nacional francesa. Embora em vida o reconhecimento, na França, nem sempre tenha sido proporcional à grandeza de sua obra, a despedida final foi conduzida pelo Presidente Emmanuel Macron sob o signo de homenagem pública: Morin foi celebrado como um símbolo nacional, uma das consciências intelectuais mais importantes do nosso tempo, expressão de uma vida dedicada ao pensamento, à liberdade, à resistência e ao humanismo.

Em escrito anterior, tive a oportunidade de rememorar como fui seduzida pelo pensamento complexo de Edgar Morin, nos anos de 1990 (STROH, 2021). Na aurora do século XXI, durante 4 anos, escrevi e ministrei aulas dedicadas ao maître *à penser*, em programas de pós-graduação no Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília — UnB — e na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, instituição na qual exerci a docência e a pesquisa por duas décadas. Conforme me aprofundava na pesquisa empírica, também os conteúdos daqueles cursos teóricos foram adquirindo novas tonalidades. As aulas iniciais permaneceram arquivadas, como registros de um tempo de intensa interlocução intelectual com a obra do pensador francês.

A morte de Edgar Morin e as numerosas homenagens que se seguiram suscitaram minha releitura de sua obra e de meus próprios registros de estudo e de docência. Agora aposentada, senti que seria injusto que anos de leitura, reflexão, aulas e interlocuções silenciosas com a obra de Morin terminassem relegados ao esquecimento ou ao desaparecimento dos meus arquivos pessoais. Há conhecimentos que não podem permanecer aprisionados. Há reflexões que precisam continuar circulando, sobretudo quando nos ajudam a compreender a complexidade da condição humana e a resistir às manifestações contemporâneas da barbárie e da destrutividade

Dessa retomada nasceu este escrito, elaborado a partir de *La Méthode*, com ênfase no volume 5, em que o autor desenvolve sua concepção da identidade humana. A reflexão aqui desenvolvida privilegia algumas ideias presentes nessa obra, sem a pretensão de suprir a riqueza de suas proposições. Ademais, como todo o vasto cabedal deixado por Morin, a obra se oferece a múltiplos percursos de leitura; cada retorno ao texto faz emergir novas conexões, novos problemas, novos recortes de interpretação.

O percurso aqui desenvolvido finaliza em uma reflexão autobiográfica de Edgar Morin, registrada em *La Vif du Sujet* (1969), livro concebido anteriormente a *La Métode,* em meio a uma experiência de grave enfermidade.

Nesse exercício de auto interrogação, vida e pensamento se entrelaçam, permitindo que o filósofo encarne, em sua própria existência, a complexidade da identidade humana que buscou compreender ao longo de sua obra e nos deixa como extraordinário legado intelectual.

Convivemos na era digital, a humanidade alcançou prodígios tecnológicos inimagináveis até a poucas décadas. Vivemos na era comandada por algoritmos nas redes sociais, robótica e inteligência artificial regenerativa. Na contraface, assistimos regressões ameaçadoras à condição humana: intolerância, simplificação brutal da vida, empobrecimento do pensamento, opiniões polarizadas e deterministas, fanatismo, erosão da empatia, divórcio e ou negação do meio ambiente, sem esquecer da ameaça nuclear. O extraordinário progresso técnico e tecnológico alcançado pela humanidade engendra um abismal retrocesso da vida imaterial, subjetiva da vida humana.

As maiores e piores consequências desse paradoxo está na desintegração do humano e com isso na eliminação da própria interrogação sobre a condição e a identidade humana.

Como Morin alertou inúmeras vezes (2005): *estamos no epicentro de gigantesco problema civilizacional: as prodigiosas elucidações trazidas pelo conhecimento tecnocientífico estão acompanhadas de regressões cognitivas.... A especialização dominante no conhecimento científico impede a percepção do contexto e do global. Os poderes da ciência não são só benéficos, mas também destrutivos, manipuladores e cegos... O desenvolvimento técnico e econômico entrelaçado no subdesenvolvimento ético e afetivo.*

Quem é o Homem hoje? O que é o humano sob o crescente domínio da inteligência artificial? Qual o futuro da humanidade sob as graves ameaças socioambientais? Quais as novas exigências e desafios para a inteligência humana e mesmo para a compreensão do que é o humano? São interrogações inescapáveis sobre as quais Morin se debruça para tratar da Identidade Humana.

A coluna vertebral da obra de Edgar Morin está na icônica obra, *La Methode* **-** Caminho. Como Morin emprestou tantas vezes do poeta espanhol Antônio Machado: *caminhante não há caminho, o caminho se faz ao andar*. O estudo da obra permite

costurar linhas de continuidade no processo de construção dos conceitos fundantes do pensamento complexo, e captar como as estruturas de organização do Método irão desaguar na Identidade Humana, tema do volume V. Sob os riscos das sínteses, posso identificar:

No volume 1 - *A Natureza da Natureza,* Morin investiga a física e a cosmologia, ao se confrontar, em estágio intelectual nos Estados Unidos, com as pesquisas que irrigavam o ambiente acadêmico, na década de 1970, nos domínios da cibernética e da teoria geral dos sistemas, bases da revolução digital em curso. A revolução conceitual do Universo, não mais baseado em leis fixas e deterministas, nem tampouco no caos, mas em relações dialógicas entre ordem-desordem-organização. Aqui, nos fundamentos das ciências físicas, Morin assenta bases do pensamento complexo que irá sustentar o pensamento transdisciplinar nos volumes seguintes.

Ainda em estada científica junto ao *Salk Institute for Biological Studies*, Morin conviveu com a revolução da pesquisa em biologia molecular e genética, com a teoria da auto-organização. O foco do volume 2 do Método - *A Vida da Vida* está na biologia em diálogo com os fenômenos da natureza, em construções inter e transdisciplinares que conduziriam, por exemplo, ao conceito de **auto-eco-organização.** Quer dizer, a vida é um turbilhão que se mantém ativamente, regenerando-se constantemente em dependência com o seu ambiente. O ser vivo é simultaneamente, autônomo e dependente de seu ecossistema para sobreviver.

É provável que a convivência no domínio da pesquisa científica o tenha conduzido a investigar como o conhecimento se conhece a si mesmo. Assim, dedicando à epistemologia o Volume 3**:** *O Conhecimento do Conhecimento***.** ele examina a própria capacidade humana de conhecer. Desconstrói a ideia /ideal civilizatório moderno do conhecimento puramente objetivo; integra a trindade cérebro-mente-cultura ao compreender que todo conhecimento é uma tradução e uma reconstrução cerebral, sujeita a ilusões e erros. Sublinha que precisamos "conhecer o conhecer" para evitar dogmatismos e aguçar a compreensão do desconhecido, do outro, do estranho.

Acredito que nesta obra, associada à *Science avec conscience* [1982], Morin fixa um dos principais pilares científicos do pensamento complexo. Qual seja, a verdade científica é um atributo do valor social da objetivação. Um valor que se expressa por um raciocínio, construído na relação que temos com o objeto sobre o qual raciocinamos. A verdade científica não tem neutralidade e a objetivação é produzida na relação

investigador- investigação.

Portanto, não há separação entre a verdade científica e o investigador. A verdade alcançada não é somente resultado da investigação, porque nela contém o processo de escolhas do investigador na investigação. Escolhas conduzidas pela inteligibilidade do investigador. O espírito científico moriniano incorpora a relação sujeito-objeto na produção das verdades. Assim, não há verdade científica que não possa ser contestada

No Volume 4 – *As Ideias*, Morin dedica a reflexão ao campo da noologia, entendida como o estudo do mundo das ideias como domínio relativamente autônomo. Na dimensão imaginária da realidade, as ideias vivem, interagem, organizam-se, transformam-se e influenciam os seres humanos, ao mesmo tempo que são por eles produzidas.

Morin analisa como as ideias e teorias criadas pelos humanos conquistam certa autonomia, habitam as mentes, relacionam-se entre si e até a orientar ações — e também inações — humanas. É nesse contexto que desenvolve os conceitos de *ecologia das ideias* e *ecologia da ação,* ambos centrais para a compreensão do pensamento complexo.

Essa concepção da vida das ideias conduz à revisão do próprio estatuto do conhecimento. Se as ideias não são entidades estáticas nem espelhos fiéis do real, mas sistemas vivos que se transformam em interação com o mundo, então o conhecimento também deixa de ser concebido como explicação determinista e definitiva. É nesse horizonte que Morin introduz alguns princípios fundamentais da racionalidade complexa:

De início, afirma-se a impossibilidade de recorrer a abstrações genéricas para delas inferir determinações universais. O conhecimento complexo recusa explicações lineares e totalizantes.

Em decorrência desse princípio, Morin sustenta a impossibilidade de previsões deterministas. O pensamento complexo admite apenas antecipações provisórias, fundadas em uma racionalidade probabilística, capaz de trabalhar com tendências e possibilidades/impossibilidades, mas não com certezas absolutas.

Neste terreno se sustenta o princípio da incerteza, adotado por Morin a partir de Ilya Prigogine (1996), químico prêmio Nobel em 1977. A certeza deixa de constituir o critério de validação da verdade, a qual passa a ser compreendida como aproximação interpretativa do real, aberta à revisão permanente, jamais como explicação finalizada do real. Abandonar a busca da certeza como critério de validação da verdade consiste em imenso desafio à racionalidade, para tornar-se a capaz de fazer avançar o conhecimento na incerteza.

Para a ciência da complexidade a verdade se apresenta sempre com os traços da ambiguidade, da dúvida. O desafio da complexidade consiste em reconhecer a existência de um núcleo incognoscível do saber; em aceitar a zona de sombra que acompanha todo o saber, em admitir a incerteza do saber, em assumir a dúvida como parte do saber.

Já final do século XX, Morin nos alerta para os perigos presentes nas ideias expressas em mitos, dogmas ou ideologias quando se convertem em forças que dominam seus próprios criadores. Em vez de os seres humanos governarem as ideias, são por elas governados. Daí sua defesa de ideias abertas, capazes de dialogar entre si, de reconhecer seus próprios limites e de permanecer permanentemente expostas à crítica, condição indispensável para a construção de um pensamento verdadeiramente complexo e emancipatório. Aqui chegamos ao Volume V, no coroamento de um longo e fecundo percurso intelectual.

Morin nos brinda com o reconhecimento da condição humana na multidimensionalidade biológica, cultural, histórica, psíquica e espiritual. Apresenta-nos uma reflexão integrada da condição humana, ao conceber o humano como objeto privilegiado de um conhecimento que não admite compartimentos estanques entre os saberes. Trata-se de compreender o ser humano em sua unidade complexa, simultaneamente espécie-sociedade-indivíduo, mediante dialógica permanente entre diferentes campos do conhecimento.

Seu pensamento trafega, com notável desenvoltura, entre as ciências físicas e biológicas, e as ciências humanas, a filosofia, a história, a literatura, a poesia e as artes. Os conhecimentos se iluminam reciprocamente e nos oferece a compreensão mais rica e poética da aventura humana no Planeta.

Cabe lembrar que Morin insistirá nas obras subsequentes que a literatura, a poesia e as artes não são apenas manifestações estéticas produzidas pelos humanos. Constituem, antes, formas privilegiadas de conhecimento do próprio humano. Revelam dimensões da existência que frequentemente escapam às abordagens exclusivamente científicas. Conhecer o humano exige a convergência entre ciência, filosofia e poesia. Importa assinalar, entretanto, que essa investigação permanece inteiramente situada no âmbito do pensamento laico. A condição humana é interrogada por Morin sem recorrer a explicações teológicas, mas por meio de uma reflexão filosófica e científica aberta à complexidade constitutiva do viver humano.

O termo HUMANO é profundo, ambivalente, contraditório e mesmo misterioso,

acentua Morin, logo ao início da obra, porque o humano contém inumanidades que, no paradoxo, revelam o próprio humano. Ele resgata do filósofo Blaise Pascal (1623-1662) a noção de que o humano é sempre um mistério para si próprio, porque a inumanidade é uma característica profundamente humana, como denota a relação Homo *sapiens-demens.* Esta complexidade desafia a nós, espíritos formados no culto às ideias claras, objetivas e explicáveis.

Sempre lembrando do termo insistentemente por ele repetido: "*complexo é o que é tecido em conjunto",* a racionalidade complexa do conhecimento do Homem está tecida em múltiplos fatores, dentre os quais:

- ✓ reconhece que o sujeito que estuda é parte do objeto de estudo;
- ✓ compreende o Homem como dialógica entre todas as dimensões humanas, apartadas pelo conhecimento científico. São dimensões conhecidas de modo disjuntivo e compartimentado da realidade humana. Sendo multidimensional, a realidade é, ao mesmo tempo: física, biológica, psicológica, social, mitológica, econômica, histórica, geográfica;
- ✓ articula o saber científico - verificação das informações, concepção de hipóteses e aceitação da refutabilidade -- com dimensões epistemológicas, reflexivas, míticas e espirituais relativas ao pensamento.
- ✓ concebe o ***homo*** não apenas como *sapiens*, *faber e oeconomicus,* mas também como *démens, ludens e consumans.*

A complexidade não é solução para nada, é o problema, insiste Morin, ao compreender o Humano – Humanidade como problema de destino. A complexidade não está no real. O real é complicado, caótico, aleatório, absurdo. O pensamento complexo é uma racionalidade de compreensão do real. A razão complexa é uma inteligibilidade de organização daquilo que se apresenta como complicado, concorrente, contraditório, antagônico. Pensar complexo é o pensar interrogante. A complexidade moriniana é uma proposta de racionalidade de organização mental. Incorpora e coloca em intercomunicação dialógica o que está em concorrência, em oposição, em antagonismo à lógica de um corpo de ideias,

Em seu próprio dizer, ele nos concede este depoimento genial:

> *A realidade é cruel para o humano, jogado sobre a Terra, ignorante de seu destino, submetido à morte, não podendo escapar aos lutos fatais, aos acasos da fortuna, aos sofrimentos, servidões, maldades humanas. A realidade é tanto mais cruel quando o humano é plenamente consciente e plenamente sensível* (MORIN, 2001, p. 23-24).

Três naturezas interdependentes constituem o humano: como espécie, como sociedade, como indivíduo. O Homem é um ser *bio-psico-sociológico ou antropobioecológico.* Não existe compartimentação em categorias rígidas, nem fronteira clara entre o biológico, o social e o individual. Há unidade/pluralidade em uníssono. Evidente que não em integração perfeita, tampouco em funcionalidade inequívoca Pelo contrário, nas palavras do próprio Morin: *"a natureza humana não é matéria prima para a qual a cultura dá a forma ou a história*".

Ainda que não dito explicitamente, interpreto que Morin resgata de sua obra anterior, *O Paradigma Perdido: a natureza humana,* publicado na França em 1973, a concepção de que *o* processo de hominização correspondera a um longuíssimo processo de evolução biológica, combinado com evoluções espirituais ou socioculturais. Uma *Morfogênese Multidimensional*, resultante de interferências genéticas, ecológicas, cerebrais, sociais e culturais.

Numerosos fatores atribuídos à cultura nos comportamentos e hábitos humanos são da espécie Homo *sapiens.* A cultura acha-se impregnada de caracteres genéticos próprios dos primatas socialmente avançados. Caracteres impulsionados, obviamente, pelo desenvolvimento do cérebro e as infinitas predisposições civilizatórias, intelectuais, afetivas e comu0nicativas que tecem o jogo sutil existente no humano entre o inato e o adquirido, ao longo das civilizações.

A sociedade e o indivíduo estão a serviço da espécie, ao mesmo tempo que a espécie está a serviço da sociedade e do indivíduo. São interdependências portadoras de profunda complexidade, na qual estão comportadas zonas de ambiguidades, concorrências, contradições e indecisões.

Múltiplos fatores evidenciam a complexidade da condição humana e revelam o quanto o homem contemporâneo se distanciou de sua própria condição de espécie viva. A religação entre Homem e Natureza constitui um dos maiores desafios do nosso tempo e está no centro das graves crises ecológicas que ameaçam a humanidade.

Essa constatação conduz a uma questão essencial: como promover essa religação? Como fortalecer a cooperação e as complementaridades próprias da tríade humana em um mundo marcado por competições, conflitos e antagonismos historicamente construídos pelas civilizações e sedimentados nas culturas?

Para enfrentar essa questão, Morin recorre à ecologia. Ele mostra que as diferentes espécies regulam suas relações de dominação e cooperação, de conflito e solidariedade,

conforme as condições ecológicas em que vivem. Não há equilíbrio definitivo, mas uma dinâmica permanente entre forças antagônicas e complementares.

A atual crise ecológica — cuja expressão mais evidente é a emergência climática — torna visível as profundas fraturas produzidas pela relação predatória entre humanidade e natureza. Entretanto, esse mesmo cenário guarda um paradoxo: as ameaças que colocam em risco nossa sobrevivência como espécie também favorecem o despertar da consciência planetária. Afinal, não é a Terra que corre perigo, mas a própria espécie humana.

É justamente neste contexto que se manifesta um dos princípios centrais do pensamento de Morin: da desordem podem emergir novas formas de organização. A reorganização não resulta da eliminação das contradições, mas da capacidade de integrá-las em novos equilíbrios, dos quais podem nascer relações mais cooperativas e menos destrutivas. Não se trata, portanto, de superar definitivamente os antagonismos, pois toda reorganização gera novas tensões. A aposta de Morin é outra: que essas novas contradições sejam capazes de ampliar as possibilidades de regeneração da vida.

Sempre oscilando entre a preocupação e a esperança com o destino da humanidade, Morin destaca estudos ecológicos que evidenciam a capacidade de inovação das espécies. Em muitos casos, as transformações mais significativas surgem de comportamentos que se afastam das normas estabelecidas, frequentemente iniciados pelos indivíduos mais jovens. É nesses desvios criativos que o autor identifica uma das fontes da regeneração dos sistemas vivos.

A cultura traduz a dimensão definidora do *Homo sapiens*. Consiste no princípio organizador da vida humana em sociedade. Nesta dimensão invisível do ser humano e das sociedades, gera-se e regenera-se a complexidade social. Cada cultura concentra um "*duplo capital*: de um lado o "*capital cognitivo e técnico"* expresso em práticas e saberes, de outro o *"capital mitológico e ritual",* expresso em crenças, normas, interdições, valores.

Para Morin a cultura consiste em sistemas de hábitos, costumes, práticas, saberes, valores, regras, normas, interdições, permissões, estratégias, crenças, ideias e mitos que se perpetuam, enquanto se metamorfoseiam, na transmissão de uma geração a outra. As atávicas interrelações cultura-biologia se reproduzem e se recriam em cada indivíduo. O patrimônio cultural dos indivíduos é patrimônio também genético.

Pela cultura os homens aprendem, conhecem, pensam, mas a cultura também impede o aprendizado do que está fora dos imperativos das normas, valores, costumes, hábitos,

mitos, crenças...

A cultura constitui a substância capaz de unir o que está separado e de fazer comunicar o que se encontra fragmentado, disperso em pedaços ou encerrado em compartimentos herméticos. Sua propriedade articuladora e integradora permite compreender a unidade na diversidade humana, configurando aquilo que Morin denomina uma substância plural: *"policultura".*

Em sua dimensão cognitiva, a cultura situa as informações e os saberes em um contexto que confere sentido. É ela que possibilita relacionar a diversidade, contextualizar os conhecimentos e compreender as partes no todo, assim como o todo nas partes.

Morin encontra em Pascal uma das inspirações dessa concepção. Retoma a ideia de que os conhecimentos das partes se nutrem do conhecimento do todo, ao mesmo tempo que o conhecimento do todo se alimenta dos conhecimentos das partes. Em síntese, a cultura é o que auxilia o espírito a contextualizar, globalizar e antecipar uma ideia.

A cultura possui, ainda, uma dimensão biológica, cuja expressão maior se manifesta na linguagem e no sexo. Essa multiplicidade de funções e significados explica, por fim, a polissemia que caracteriza o próprio conceito de cultura.

Morin oferece especial destaque à dimensão cultural da existência representada nos mitos, na magia, nos ritos sagrados. Sustenta o abandono da redução do humano à racionalidade *sapiens* e à técnica do *faber*, pois a originalidade da espécie humana se manifesta nas ondas da mitologia, da magia e dos ritos.

Por oportuno, cabe a provocação de Morin (2012): *quantos e quais mitos estão contidos na racionalidade científica e na idealização da tecnologia? O surpreendente desenvolvimento tecnológico não é produto de ambições e de sonhos humanos*?

A propriedade original do Homem, em sua condição de espécie, está no universo imaginário e seus fabulosos desdobramentos em mitos, crenças, religiões, permissões, interdições.

Desde a pré-história o mito, a técnica e a magia estão presentes nas práticas humanas, infelizmente, observa Morin, a formidável onipresença do mito nas sociedades arcaicas, foram interpretadas simplificadamente pela antropologia, de que as sociedades primitivas viviam exclusivamente em um mundo puramente mitológico.

Paradoxalmente, a busca da dimensão mitológica da vida humana, no século XIX, emergiu exatamente do palco da consagração do pensamento racional. O próprio racionalismo é um mito, cuja pretensão é a de suprimir o mito da realidade humana

abstrata

O mesmo ocorre com a dimensão cultural da magia, uma dimensão da realidade humana abolida pelo racionalismo. A universalidade da magia, desde os tempos mais remotos, persiste de modo atrofiado no mundo contemporâneo. Mas está absolutamente presente. Hoje, vivemos uma profusão da magia, não reconhecida pelo pensamento científico. Um exemplo dado por Morin: relações entre a medicina e as práticas mágicas de cura.

Igualmente relevante é a dimensão ritualística da cultura. Os ritos, intimamente ligados à dimensão mágica e simbólica da existência, constituem uma das formas mais profundas de expressão da condição humana. Morin destaca, nesse contexto, os ritos que sustentam a comunicação social ao longo do processo civilizatório: a cortesia, os gestos de acolhimento, as celebrações, bem como os hábitos cotidianos que, repetidos no tempo, adquirem força ritual. A vocação do ser humano é, em larga medida, ritualística, pois é por meio dos ritos que atribuímos sentido às relações, organizamos a vida coletiva e estabelecemos vínculos de pertencimento.

Essa compreensão conduz à indissociável relação entre indivíduo e cultura. Para Morin, sociedade e individualidade não constituem realidades autônomas que posteriormente se ajustam uma à outra. Formam, antes, um *ambi-sistema*, no qual ambas se produzem, se transformam e até se parasitam reciprocamente, numa dinâmica simultaneamente contraditória e complementar.

Dentre os muitos aspectos que tornam o pensamento de Edgar Morin tão singular, um desperta minha especial admiração: sua capacidade de traduzir a reflexão intelectual em experiência vivida. Em sua obra, pensar e existir constituem dimensões inseparáveis. A elaboração teórica não se dissocia da vida; ao contrário, nasce dela, alimenta-se dela e a ela retorna.

Essa permanente interlocução entre a subjetividade do sujeito e o olhar dirigido à realidade objetiva constitui um dos pilares de sustentação de sua ontologia. Conhecer implica reconhecer que o observador participa daquilo que observa e que toda compreensão do mundo é também um exercício de compreensão de si.

Incorporar a intelecção na existência, o pensar como busca da verdade existencial, reagir contra a separação, compreender as descontinuidades do ser, em si próprio, a luta contra as máscaras da pseudo-objetividade, como um paradigma fundador da ciência clássica.

Essa interligação encontra expressão particularmente clara em *Le Vif du Sujet* (1969)[1], um diário escrito em 1962, durante a convalescência de grave enfermidade. Aqui, Morin assume a primeira pessoa para refletir sobre sua própria trajetória intelectual e existencial. Evidencia que sua produção teórica não resulta de um pensamento abstrato e distante da vida, mas emerge da experiência concreta, das inquietações, dos conflitos e das transformações que constituem a aventura humana.

O livro é ao mesmo tempo um diário e uma meditação filosófica. A proximidade da morte torna ainda mais aguda sua reflexão sobre a existência e faz emergir, com notável intensidade, a permanente tensão entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva que atravessa toda a condição humana.

Morin examina, sem complacência, suas próprias ambiguidades, suas contradições e suas fragilidades. Reconhece que o sujeito não é uma identidade fixa e coerente, mas um ser múltiplo, atravessado por continuidades e rupturas, certezas e incertezas, grandezas e limitações. Sua escrita nos apresenta um exercício radical de autocrítica e de lucidez, em que pensar significa também expor-se ao julgamento de si mesmo.

Em uma passagem particularmente significativa, Morin observa que somos movidos por uma curiosa pulsão ao exibicionismo, frequentemente disfarçada sob o nome de sinceridade. A observação, formulada com fina ironia, revela sua permanente vigilância em relação aos mecanismos do próprio ego. Conhecer-se não significa contemplar uma identidade transparente, mas confrontar-se com as máscaras que incessantemente construímos a respeito de nós mesmos.

Essa coragem manifesta-se também quando descreve aspectos banais de sua vida cotidiana. Confessa sua irritabilidade, o hábito constante de chegar atrasado aos compromissos e, sobretudo, o prazer secreto de sentir-se indispensável, solicitado por todos, como se a intensa atividade lhe conferisse uma ilusória sensação de plenitude. Logo, porém, desmonta essa aparência. Reconhece o vazio produzido por uma existência excessivamente ocupada, preenchida por inúmeros contatos profissionais, relações cordiais, porém superficiais, que pouco espaço deixam para os verdadeiros encontros humanos. Com igual franqueza, observa que a crescente dedicação ao conhecimento pode produzir um efeito paradoxal: enquanto amplia horizontes intelectuais, estreita o

[1] Expressão idiomática francesa, significa “O cerne da questão”. Na edição brasileira, eis a referência: MORIN, Edgar. O X da questão: o sujeito à flor da pele. Tradução de Fátima Murad e Fernanda Murad Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.

círculo das amizades mais profundas. Pouco a pouco, perdem-se de vista aqueles que realmente se ama, substituídos por uma extensa rede de relações funcionais, marcadas por obrigações, compromissos e uma camaradagem frequentemente destituída de intimidade.

É justamente nessa disposição de reconhecer as próprias fraquezas, sem buscar justificá-las ou ocultá-las, que reside uma das mais belas expressões da ética moriniana. Sua reflexão não pretende construir a imagem de um pensador exemplar, mas assumir a condição humana em toda a sua complexidade. Ao aceitar suas descontinuidades interiores, suas ambiguidades e suas múltiplas identidades, Morin demonstra que a verdadeira lucidez intelectual nasce menos da pretensão de coerência e muito mais da coragem de conviver as próprias contradições.

Talvez seja essa a lição mais profunda da ontologia moriniana: o pensamento complexo não se realiza apenas como método de conhecimento, mas como uma forma de existir, de estar no mundo. Pensar, para Morin, nunca foi um exercício dissociado da vida. Foi sempre uma aventura vivida, inseparável das inquietações, das fragilidades, dos afetos e da permanente busca de compreender, ao mesmo tempo, o mundo e a si próprio.

É, talvez, por isso que sua obra continua a nos interpelar e a ser indispensável. Não apenas porque amplia os horizontes do conhecimento, mas porque nos convida a reconhecer, em nós mesmos, a complexidade da aventura humana e da nossa própria vida. Ler Morin é, inevitavelmente, aceitar o desafio de pensar a nossa própria existência. E é nessa travessia, sempre inacabada, que reside a atualidade permanente de seu pensamento.

E para encerrar com as palavras de Morin ao leitor do volume 5 (2012, p. 18):

> *encorajar cada leitor, e a ele próprio, a expandir em si mesmo as verdades do valor universal do ser humano, verdades adquiridas a partir de fontes objetivas e de fontes subjetivas, cujo diálogo necessariamente passa pelo exame epistemológico, do modo como cada pessoa compreende a aquisição de conhecimentos e como compreende a si próprio, e como cada pessoa considera as possibilidades e os limites do conhecimento humano,*

## REFERÊNCIAS

MORIN Edgar. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento.** Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Meus demônios.** Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **O Método 5:** a humanidade da humanidade – A identidade humana. Tradução de Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN Edgar. **O Método 4:** as ideias. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **O Método 2:** a vida da vida. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 24–28, 2005. DOI: 10.15448/1980-3729.2005.26.3299.

MORIN, Edgar. **O Método 1:** a natureza da natureza. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **O X da questão:** o sujeito à flor da pele. Tradução de Fátima Murad e Fernanda Murad Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003a.

MORIN, Edgar. A suportável realidade. Tradução de Alípio de Sousa Filho. **Revista Cronos**, Natal, v. 2, n. 2, p. 23–30, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1982].

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a natureza humana.** Tradução de Hermano Neves. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1973. (Coleção Biblioteca Universitária, 7).

MORIN, Edgar. **Le vif du sujet.** Paris: Éditions du Seuil, 1969.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas:** tempo, caos e as leis da natureza. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1996.

STROH, Paula. Percursos, encontros e identificações com o complexo Edgar Morin. In **Edgar Morin, homem de muitos séculos – Um olhar latino-americano.** Elimar Pinheiro do Nascimento, Maurício Amazonas e Alfredo Pena-Vega (Org.) Edições Sesc São Paulo, 2021, pg 219.